

Trajetórias de uma Geógrafa Portuguesa

*Entrevista com a Professora Maria de Nazaré Roca**



115

Maria de Nazaré Roca é professora Adjunta do Departamento de Geografia e Planejamento Regional da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa e tem lecionado na área de Geografia Humana, na qual, também, desenvolveu pesquisas, direcionadas, sobretudo,

para as migrações e para as transformações das paisagens rurais.

Como viveu e se graduou em Geografia no Brasil, a professora Nazaré mantém fortes ligações com o nosso país e representa uma boa “embaixadora” da produção geográfica brasileira, junto aos geógrafos portugueses.

ENTREVISTA CONDUZIDA POR JOÃO RUA EM FEVEREIRO DE 2002

GeoUERJ – Você nasceu em Portugal e estudou geografia no Brasil. Fale-nos um pouco dessa sua condição de imigrante no Brasil. Como cresceu, problemas, como e por que escolheu Geografia.

Nazaré – Raramente senti-me imigrante, por ter vindo para o Brasil com cinco anos de idade.

Quando entrei para a escola, ninguém percebia que eu era portuguesa. Por outro lado, nunca rejeitei as minhas origens, tendo estado sempre ligada à cultura portuguesa que me era transmitida pelos meus pais, pela leitura dos clássicos da literatura e pela participação no grupo de teatro da União Portuguesa de Estudantes no Bra-

sil (Upeb), da qual cheguei a ser presidente em fins dos anos 60. Quando estava terminando o ensino médio, eu queria ser professora. Fiquei na dúvida entre História e Geografia e acabei me decidindo pela última, pois achei que me ajudaria a compreender melhor o meio tanto natural como humano que me cercava e a entender o Mundo com um todo...Naquela altura o homem já tinha ido ao espaço e se preparava para ir à lua...

GeoUERJ – Existiram algumas experiências de pesquisa, ainda na graduação. Como foram? Que referências pessoais ligadas à Geografia, nessa época, gostaria de destacar?

Nazaré – Quando estava no meu segundo ano de faculdade, fui convidada pela minha querida professora Maria do Carmo Galvão para trabalhar no Centro de Pesquisas de Geografia do Brasil do Departamento de Geografia da UFRJ. Foi uma experiência muito gratificante, pois fui iniciada em todas as etapas da pesquisa científica – desde a recolha bibliográfica, passando pelo tratamento de dados até a elaboração de relatórios. O que mais me marcou foi a pesquisa de campo, quando visitamos áreas rurais do Estado do Rio de Janeiro e Minas Gerais onde conheci de perto este povo maravilhoso e onde aprendi muito com a professora Maria do Carmo. Depois dessa minha experiência, ainda fui estagiária do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) por um ano, onde estive integrada na equipe do Professor Pedro Geiger. A esta época, estavam sendo introduzidos na Geografia brasileira os métodos quantitativos. Trabalhei nos projetos de delimitação das regiões metropolitanas e regiões homogêneas. Participei também]da primeira conferência internacional sobre esse tema que se realizou no Rio de Janeiro.

GeoUERJ – A ida para o mestrado nos Estados Unidos abriu novas perspectivas em sua vida pessoal e profissional. Como foi essa experiência?

Nazaré – Em 1973, consegui uma bolsa para o mestrado no Departamento de Geografia da Ohio State University. O que ganhei mais com essa experiência foi ter sido assistente do Curso de Graduação durante dois anos – quando dei aulas práticas de Geografia Física e Geografia Regional e algumas aulas teóricas de Geografia Humana – e ter aprendido a sistematizar bem os conhecimentos adquiridos, principalmente na área da Geografia Quantitativa, que estava no auge. Contudo, para mim, os métodos quantitativos não eram uma novidade, uma vez que me iniciei neles ainda no Brasil, no IBGE. Apliquei alguns desses conhecimentos no meu trabalho de fim de curso intitulado “Migrações Internas e o Mercado Urbano de Trabalho: os casos do Nordeste e Sudeste do Brasil”. A temática da mobilidade territorial tornou-se e continua a ser a minha área de especialização, em que coloco muito a própria experiência de vida. No plano pessoal, tive contato direto com uma realidade muito diferente da brasileira, principalmente no campo do relacionamento pessoal, e o mais importante foi ter conhecido um croata com o qual casei, o que me fez emigrar, após uma breve passagem por Portugal, em 1975, para a então Iugoslávia.

GeoUERJ – Viver muitos anos no Leste Europeu deve ter dado uma enorme abertura para “outras geografias”. Como foi fazer Geografia em Zagreb e como viveu o período de transição na Croácia?

Nazaré – No primeiro ano de estadia nesse lindo país aprendi a língua croata, o que me habilitou a procurar emprego. Tive sorte e fui admitida como especialista em planejamento no Instituto de Urbanismo da Cidade de Zagreb. Para isto ajudou o fato de ter no meu currículo um Curso de Especialização em Planejamento Regional e Urbano, ainda quando vivia no Rio de Janeiro. No entanto, como queria retomar as minhas atividades de pesquisa, fiz concurso para

o Centro de Estudos de Migrações da Universidade de Zagreb, que era dirigido por um geógrafo. Fui admitida para iniciar pesquisas na área das migrações internas uma vez que, até aí, essa instituição só se dedicava ao estudo das migrações externas e seus fluxos de retorno que naquela altura eram muito importantes (estávamos em 1976). Em 1984, ingressei como pesquisadora com dedicação exclusiva no conceituado Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Zagreb onde trabalhei até a minha partida, em 1991. Fui a primeira geógrafa a ser admitida nessa instituição, na qual predominavam sociólogos, cientistas políticos e psicólogos sociais e onde fui integrada na equipe de estudos rurais, sendo encarregada dos aspectos populacionais e espaciais dessa problemática. No início, tive de me afirmar nesse meio, lutando contra a pressão em me tornar “socióloga”! No final, acabei vencendo e muitos dos meus colegas passaram a encarar a Geografia com muito maior apreço. Àquela altura, eram raríssimos os cientistas sociais e políticos que utilizavam a variável espaço em suas pesquisas, apesar de a Croácia ser um território com muitos contrastes. Por outro lado, considero que ganhei muito com a experiência de trabalhar em equipas multidisciplinares de pesquisa cujos resultados eram muito críticos em relação ao sistema socialista de autogestão, então vigente, que, apesar de quase perfeito em teoria, não o era na prática. Entre os projetos que coordenei, destaco “A População como Fator de Desenvolvimento”, no âmbito do programa “Bases Científicas para o Plano de Desenvolvimento da Croácia”. Em 1987, já de posse do título de doutor pela Universidade de Zagreb, comecei a lecionar Estudos da População no Departamento de Sociologia da Universidade de Zagreb. Em 1991, o meu marido foi contratado pela FAO (*The Food and Agriculture Organization of the United Nations*), o que me fez pedir uma licença para passar um ano em Roma. Nessa altura, começa a guerra no território da ex-Iugoslávia, o que fez com que a vida da família mudasse com-

pletamente de rumo. Em 1992, decidi regressar à minha terra natal, Portugal.

GeoUERJ – E a volta para Portugal, como foi? Como uma portuguesa/estrangeira conseguiu inserir-se no mundo acadêmico? Que problemas enfrentou? Como encontrou a Geografia portuguesa?

Nazaré – De regresso a Portugal, fui trabalhar como “técnica de reinserção social” do Ministério da Justiça, após ter passado em um concurso. Trabalhava muito no terreno fazendo entrevistas a indivíduos marginalizados socialmente. Era na denominada “Linha do Estoril”, próximo a Lisboa. Esta experiência foi de grande valia para mim como geógrafa, pois trata-se de um território que, por suas características socioespaciais, lembra a Zona Sul do Rio, ou seja, as camadas de renda mais elevada coabitam com pessoas desfavorecidas social e economicamente, o que repercute, naturalmente, na organização do espaço. Contudo, essa experiência durou apenas um ano, ao fim do qual a minha família havia decidido mudar definitivamente para Portugal. Sendo assim, comecei a procurar emprego dentro da minha área, sendo que as probabilidades de sucesso eram consideradas por todos muito fracas. Entretanto, tive sorte. Fui a uma entrevista com a Professora Raquel Soeiro de Brito, então coordenadora do Departamento de Geografia e Planeamento Regional da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa (UNL) que, após consultar o meu currículo, considerou-me a pessoa indicada para lecionar as disciplinas de Geografia das Regiões Tropicais e Geografia da Europa. Em muito, claro, valeu a minha experiência de estudo e trabalho no Brasil, cujo meio geográfico a Professora Raquel conhecia bem e, também, na Iugoslávia, uma vez que ela considerava que os estudantes e até os docentes portugueses tinham muito pouco conhecimento sobre a Europa Central e de Leste (estávamos em 1993). Assim, passei a fazer par-

te do corpo docente do Departamento – mas como assistente, uma vez que, antes de me tornar professora adjunta, tive de traduzir todo o meu doutorado para o português, para que obtivesse a equivalência a esse grau.

No início, foi meio complicado lecionar para alunos portugueses. Primeiro, tinha dificuldades em entendê-los uma vez que estava acostumada com o modo de falar brasileiro e, segundo, porque a terminologia que utilizava era também a da geografia brasileira ou traduzida do inglês! Passadas essas primeiras dificuldades, foi e continua a ser gratificante o contato direto com jovens, a maioria ambiciosa em termos profissionais e cheia de vontade de aprender.

Quanto à pesquisa, as dificuldades de adaptação foram maiores. Cheguei em uma época de reestruturação do financiamento estatal dessa área e apenas a partir de 1995, com a criação da Fundação para a Ciência e a Tecnologia, foi possível pensar em pesquisa que envolvesse trabalho de equipe. Entretanto, os projetos financiados por essa instituição devem ter sempre caráter interinstitucional, envolver mais de um doutor e ser avaliados por uma comissão constituída por um geógrafo português e três estrangeiros, sendo que a proporção de projetos aprovados não passa nunca de 25 a 30%. Além disso, ao contrário do Brasil, não se concedem bolsas para projetos cuja equipe seja constituída por um doutor e por alguns alunos de graduação ou pós-graduação. Assim, é difícil garantir continuidade de projetos individuais de pesquisa. Como forma de compensação, a pesquisa nas universidades realiza-se em unidades (centros, institutos, gabinetes) que recebem financiamento trienal, após apresentação e avaliação (também por especialistas estrangeiros) de um plano de atividades. É com esse financiamento que tentamos iniciar os nossos alunos na pesquisa científica em projetos de caráter exploratório. Atualmente sou coordenadora científica de uma dessas unidades – o e-GEO, Centro de Estudos de Geografia e Planejamento Regional –, ligado ao

nosso Departamento. Não devo, no entanto, deixar de acrescentar que há uma maior possibilidade de participação em projetos internacionais, a maioria financiados por organismos da União Européia. Entretanto, para um pesquisador que vem de fora de Portugal, é muito difícil integrar-se em equipes de pesquisa, pois estas já estão há muito formadas. A integração é mais fácil quando se trata de consultorias, de projetos de pesquisas aplicadas, financiadas por várias organismos públicos que vão desde as prefeituras a diversos ministérios. Nesse caso, posso formar equipes com estudantes e colaboradores externos.

GeoUERJ – Como transcorreu seu doutorado? Qual foi o seu estudo? Como se encaminhou para essa temática?

Nazaré – Como já mencionei anteriormente, a minha própria experiência de vida levou a que me dedicasse à temática da população e mais especificamente à mobilidade territorial. Consequentemente, a maior parte dos meus trabalhos publicados gira em torno desse tema tão complexo, sendo o enfoque principal os efeitos e consequências dos movimentos territoriais e das políticas a eles ligadas no mundo rural. Assim, o tema de minha tese foi sobre circulação de mão-de-obra na Iugoslávia, tendo como estudo de caso a cidade de Zagreb.¹ Até então, esse tema era muito pouco estudado apesar de ser reconhecida a importância, para a economia urbana, da população cujo lugar de residência e de trabalho não coincidiam, principalmente aquele segmento constituído por trabalhadores cujo domicílio permanente era em outra república (a Iugoslávia era formada por seis repúblicas e duas províncias autônomas). Assim propus-me elaborar uma tipologia da mobilidade territorial com base em múltiplos critérios que servisse de base para atuação tanto na área do planejamento espacial como setorial dos territórios urbanos e rurais. Para atingir esse fim, realizamos um projeto de

investigação financiado pelo Ministério do Trabalho e do Fundo para a Pesquisa Científica da República da Croácia. A parte mais importante do projeto foi o trabalho de investigação que constou da aplicação de mil questionários e de entrevistas a trabalhadores dos diversos setores da economia de Zagreb. Fiquei satisfeita em constatar que essa tipologia foi adotada em trabalhos posteriores de geógrafos, sociólogos e outros cientistas sociais que se interessaram por essa temática.

GeoUERJ – Hoje em dia, com que linhas de pesquisa se ocupa?

Nazaré – Continuo a me dedicar à pesquisa sobre a população, nomeadamente sobre a importância do capital humano na elaboração de políticas relacionadas com o planeamento e desenvolvimento dos territórios, em especial dos rurais. Dentro dessa perspectiva, realizei, entre outros, um projeto sobre migrações de regresso, com um estudo de caso do município onde nasci – Ponte de Lima, ao norte de Portugal –, bem como apresentei comunicações em reuniões científicas internacionais sobre a temática dos recursos demográficos e a valorização dos territórios. Também passei a fazer pesquisa sobre temas da Geografia Social, principalmente grupos marginalizados/excluídos e/ou com comportamentos desviantes, fruto em grande medida, da realidade vivida no meu primeiro ano de estadia em Portugal.

GeoUERJ – Que “ecos” chegam até você da Geografia brasileira?

Nazaré – Os “ecos” da geografia brasileira reduzem-se às informações obtidas através de meus amigos e antigos colegas geógrafos, que, além de informação direta, me enviam publicações. Além disso, estive, em 1988, proferindo palestras nos cursos de mestrado em Geografia da época, quando tive oportunidade de contactar com colegas e

estudantes por todo o Brasil. Naquele ano, atualizei em parte a visão que tinha com visita aos departamentos de Geografia da UERJ, UFRJ e UFF.

GeoUERJ – E os geógrafos portugueses “olham” para a Geografia que se pratica no Brasil, ou se voltam, fundamentalmente, para a Geografia europeia, seguindo a tendência da integração?

Nazaré – Infelizmente, salvo algumas honrosas exceções, a Geografia praticada no Brasil é quase que totalmente desconhecida por parte de docentes e estudantes portugueses. O próprio processo de integração europeia contribui para isso. Como já mencionei antes, boa parte dos projetos de pesquisa são financiados pela União Europeia (UE), incluindo projetos com países terceiros onde se dá preferência a candidatos à adesão à UE. Além disso, está se intensificando, cada vez, mais o intercâmbio de estudantes dentro da EU, apesar da multiplicidade de línguas faladas nesse espaço. Contudo, nos últimos anos tem havido um interesse crescente por cooperação com geógrafos brasileiros, paradoxalmente, através de projetos financiados pelo programa Alpha da UE. Tive conhecimento da cooperação existente na área das geografias urbana e rural entre os Departamentos de Geografia da Universidade de Lisboa e da Universidade de São Paulo. Tenho a impressão de que é muito mais intensa a cooperação de geógrafos brasileiros com os nossos vizinhos espanhóis, principalmente os catalães, do que com os portugueses e penso que a culpa é mais dos portugueses. A minha universidade, a Universidade Nova de Lisboa (UNL), tem protocolos assinados com várias universidades brasileiras, mas, até agora, não havia nenhuma iniciativa de cooperação entre o Departamento de Geografia e Planeamento Regional e departamentos de Geografia no Brasil. Meus colegas ficaram cientes dessa lacuna e passaram a se interessar em estabelecer contatos com geógrafos brasileiros. O primeiro passo será a assinatura,

em breve, de um protocolo de cooperação entre a UNL e a UERJ que envolverá o intercâmbio de professores e alunos de pós-graduação.

GeoUERJ – O que você mandaria como mensagem aos geógrafos brasileiros, no tocante à possível ligação transatlântica Brasil-Portugal?

Nazaré – Após tantas décadas em que nossos países estiveram de costas voltadas, sob os nefastos efeitos de ditaduras e agora que, apesar de todos os problemas existentes nos dois lados do Atlântico, respiramos democracia, penso que chegou a hora de nos empenharmos com afinco para que possamos iniciar estudos comparativos

dos efeitos positivos e negativos na organização do espaço da herança política, social e, acima de tudo, cultural, comum aos dois países e, principalmente, transmitir os resultados dessa cooperação às futuras gerações de geógrafos.

NOTAS

* E-mail: mn.roca@fesh.unl.pt

¹ *Prostorna pokretljivost stanovstva: geografski aspekti na primjer grada Zagreba* (Mobilidade territorial da população: aspectos geográficos – o caso da cidade de Zagreb), Universidade de Zagreb, 1987. (Publicada com o título de “Circulação de mão de obra. O caso da cidade de Zagreb”. Zagreb: Institut za drustvena istrazivanja Sveucilista u Zagrebu, 1987.